

Inflexível, Zélia quase foi fritada

Sandro Silveira

O Brasil negociou o acordo sobre a dívida externa com os bancos privados estrangeiros durante oito meses. O negociador Jório Dauster passou os últimos 45 dias em Nova Iorque, reunindo-se com banqueiros. Foram 244 dias de “truculenta queda de braço” entre Brasil, bancos privados e Estados Unidos.

Em outubro do ano passado, quando a inflação aquecia-se internamente, os banqueiros tentaram “esquentar” a instabilidade da ministra Zélia Cardoso de Mello, porque o Brasil mantinha-se inflexível na negociação. Lembrando-se da **fritura** internacional de seu ex-chefe, Dilson Funaro, ela apressou-se em fazer vazsar a informação.

“Os bancos querem vê-la fora do Ministério da Economia para ter maiores facilidades na negociação da dívida”, disse seu assessor, na época, Marcos Caramuru, a um reservado grupo de jornalistas. A notícia fortaleceu Zélia e o conceito de capacidade de pagamento brasileiro: “Pagamos, desde que não nos prejudique internamente”.

Pouco depois, Zélia descia a rampa com Collor, reforçando o estereótipo de ser “a mulher que diz não”, inclusive aos banqueiros estrangeiros. Entretanto, o não real foi brando. Dauster começou as negociações pisando firme no pagamento em dinheiro de não mais que 500 milhões de dólares dos juros atrasados, desde que antes

ARQUIVO 04/01/91



Dauster passou os últimos 45 dias discutindo o acordo

houvesse um acordo para a dívida global.

Voltar atrás — Hoje, o Brasil aceita pagar quatro vezes mais, sem ter fechado o acordo total. “Mas só vamos emitir os bônus dos 6,4 bilhões de dólares depois desse acordo”, garante o ministro interino João Maia, acenando com a intenção de também fechar os “pontos do restante da dívida”.

O Brasil cedeu à pressão das potências financeiras, Japão e Estados Unidos, embora não pareça. Recentemente, os EUA retardaram a votação de um empréstimo de 350 milhões de dólares do Banco Interamericano de Desenvolvimento ao Brasil. Era apenas um sinal de que o subsecretário do Tesouro americano, David Mulford, estava disposto a fazer para proteger os bancos de seu país.

Pouco depois, ameaçou censurar publicamente o Brasil na Assembleia Anual do BID, que termina hoje, como um “mau pagador”. O encontro acontece

em Nagoya (Japão), onde os anfitriões fizeram questão de não reunir-se com Zélia, antes do aceno feito pela ministra na França, de pagar 570 milhões de dólares da dívida do setor privado brasileiro com o Clube de Paris.

Para amenizar o ambiente hostil que Zélia tinha no Japão, Dauster acertava, em Nova Iorque, taxas de juros mais “apetitosas” aos bancos privados, que cederam em taxas fixas ou com limite. Depois de uma moratória de julho de 1989 a dezembro do ano passado e o pagamento de apenas 30 por cento dos juros vencidos este ano, o quadro era de pré-acerto, já na sexta-feira passada.

Estava criado o ambiente para um discurso forte da ministra Zélia em Nagoya. O Brasil não foi censurado e ainda criticou as “nações industrializadas” pelo uso político do BID, um organismo multilateral, para pressionar o fechamento de um acordo com bancos privados.